

**AS HORAS DE AUGUSTO MATRAGA:
A JORNADA DO HERÓI ROSEANO**

Daniella Tavares Potrique (UERJ)

daniellatavares96@gmail.com

Cimélio Senna Vasconcelos da Silva (UVA)

senna20012@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de descrever a jornada heroica de Augusto Matraga, personagem principal da novela “A hora e vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa. Para tanto, realizamos uma revisão de literatura, a fim de elucidar as questões que envolvem o herói mitológico e a obra de Guimarães Rosa. Contamos com os estudos de Silva (1984), Bosi (1997), Candido (2002), Rónai (2001; 2016), Hansen (2012), Pacheco (2008) e D’Onofrio (2007) que nos ajudaram a compreender o regionalismo metamorfoseado por Rosa e o enquadramento de sua obra na narrativa de semiótica de acontecimento. Por fim, contamos com a saga heroica proposta por Campbell (2007) com comentários de Müller (1987) para acompanhar a jornada de Augusto Matraga.

Palavras-chave:

Herói. Augusto Matraga. Guimarães Rosa.

ABSTRACT

This work aims to describe the heroic journey of Augusto Matraga, main character of the novel “A hora e vez de Augusto Matraga”, by Guimarães Rosa. To this end, we conducted a literature review in order to elucidate the issues surrounding the mythological hero and the work of Guimarães Rosa. We rely on the studies of Silva (1984), Bosi (1997), Candido (2002), Rónai (2001; 2016), Hansen (2012), Pacheco (2008) and D’Onofrio (2007) who helped us understand regionalism metamorphosed by Rosa and the framing of his work in the semiotic narrative of an event. Finally, we have the heroic saga proposed by Campbell (2007) with comments by Müller (1987) to accompany Augusto Matraga’s journey.

Keywords:

Hero. Augusto Matraga. Guimarães Rosa.

1. Considerações iniciais

Augusto Matraga, personagem principal da novela – ou conto, como alguns defendem – “A hora e vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, é um tipo que desperta a aversão do leitor, pois tem uma personalidade agressiva e egoísta. Entretanto, se considerarmos as caracte-

rísticas pessoais que são valorizadas no contexto em que se passa o conto, a personalidade de Matraga torna-se justificável e até heroica.

Principalmente após uma transformação intensa, que o faz assumir uma personalidade de caráter aceitável em um contexto maior que o de sua origem. Esse personagem e sua jornada guardam representações importantes para a literatura brasileira e para o estudo do ser humano como criador de significados.

Este trabalho tem o objetivo principal de traçar a jornada heroica de Augusto Matraga e possui como mapa de aventura do herói a proposta do mitologista Joseph Campbell (2007). Em seu livro, “O herói de mil faces”, Campbell separa a jornada do herói em três partes principais - a partida, a iniciação e o retorno – e destaca etapas dentro de cada uma dessas partes. Todo esse processo é feito com exemplos de heróis de diferentes épocas e culturas, o que dá significado ao termo “mil faces” no título da obra.

A fim de explicar o herói roseano, faremos uma apresentação do autor e sua obra por meio dos autores Anazildo Vasconcelos da Silva (1984), que oferece importantes contribuições para o seu enquadramento retórico como modernista e que, conseqüentemente, segue a lógica do acontecimento. O que será complementado pelas observações de seus recursos linguísticos dados por Alfredo Bosi (1997), que ultrapassam os limites entre narrativa e lírica. Essa ultrapassagem é o que permitirá relacionar o seu regionalismo a uma contextualização universal e mítica, o que permite que Rosa crie o que Alfredo Bosi (1997) e Antônio Candido (2002) chamam de alquimia.

Antes de detalharmos a jornada de Augusto Matraga, faremos uma exposição sobre o herói roseano como um herói regionalista, que apresenta enfrentamentos psicológicos universais. Nesta parte, contaremos com as explicações de Paulo Rónai (2001; 2016) sobre Riobaldo e Augusto Matraga, com contribuições de Salvatore D’Onofrio (2007) e Ana Paula Pacheco (2008). Ao fim dessa exposição, iniciaremos a jornada de Augusto Matraga, guiados por ele e por Joseph Campbell (2007).

2. *O herói roseano*

2.1. *Guimarães Rosa e sua obra*

A obra de Guimarães Rosa faz parte da terceira geração do modernismo. Como narrativa do século XX, ela se encaixa, em termos se-

mióticos, na lógica – ou semiotização – do acontecimento, tendo como base os estudos de Anazildo Vasconcelos da Silva (1984). A lógica do acontecimento não é objetiva – como a lógica do espaço - nem subjetiva – como a lógica do personagem (Cf. SILVA, 1984). Ou seja, as convenções sociais não se sobrepõem aos anseios subjetivos do personagem, nem o contrário.

Como parte de um período de ruptura, o personagem moderno tem um conflito com ele mesmo. E Rosa fará uso de recursos linguísticos para expressar esses conflitos. Afinal, “como para os mestres da prosa moderna (um Joyce, um Borges, um Gadda), a palavra é sempre um feixe de significações: mas ela o é em um grau eminente de intensidade se comparada aos códigos convencionais de prosa”. (BOSI, 1997, p. 485)

pois a escrita de Rosa opera anulando de forma intencional os limites entre a narrativa e lírica (Cf. BOSI, 1997). E é por meio dessa mescla entre narrativa e lírica que se explora o mítico, já que

O princípio fundamental da linguagem poética, genialmente intuído por Vico, é o da analogia a arcana “lógica poética”, lógica dos sentidos, que vincula a fala inovadora às matrizes de toda língua. Ora, o pensamento analógico é pensamento mítico. (BOSI, 1997, p. 487)

Assim, “Rosa inventa um mundo mitológico que vive a sua autonomia fictícia com inteireza épica, bárbara e aparentemente fechada sobre si mesma” (HANSEN, 2012, p. 128). Esse mundo é o sertão, e é aparentemente fechado porque, no final das contas, esse sertão é ao mesmo tempo regional e ao mesmo tempo universal. É dessa maneira que ocorre a metamorfose do regionalismo operada por Guimarães Rosa: um regionalismo universalizante. Construído por meio de um procedimento retórico que envolve “a integração das referências sertanejas em níveis metafóricos ou alegóricos de significação em que elas passam a conotar referências filosóficas e literárias universais” (HANSEN, 2012, p. 121).

De acordo com Alfredo Bosi (1997):

O regionalismo, que deu algumas das formas menos tensas de escritura (a crônica, o conto folclórico, a reportagem), estava destinada a sofrer, nas mãos de um artista-demiurgo, a metamorfose que o traria de novo ao centro da ficção brasileira. A alquimia, operada por João Guimarães Rosa, tem sido o grande tema da nossa crítica desde o aparecimento dessa obra espantosa que é Grande Sertão: Veredas. (BOSI, 1997, p. 484-5) (grifos do autor)

Essa alquimia ocorreu porque Guimarães Rosa construiu um regionalismo mais genuíno e perdurável, ele concebeu “uma experiência total em que o pitoresco e o exótico são animados pela graça de um movimento interior, em que se desfazem as relações de sujeito a objeto para

ficar a obra de arte como integração total de experiência” (CANDIDO, 2002, p. 186).

Inclusive, é possível considerar que essa concepção ocorreu antes mesmo de “Grande Sertão: Veredas”, em Contos, primeira versão do que viria a ser Sagarana, o regionalismo já foi metamorfoseado por Rosa, afinal:

Sagarana não vale apenas na medida em que nos traz um certo sabor regional, mas na medida em que constrói um certo sabor regional, isto é, em que transcende a região. A província do sr. Guimarães Rosa, no caso Minas, é menos uma região do Brasil do que uma região da arte, com detalhes e locuções e vocabulário e geografia cosidos de maneira por vezes quase irreal, tamanha é a concentração com que trabalha o autor. (CANDIDO, 2002, p. 187) (grifos do autor)

Rónai (2001) exemplifica como ocorre essa universalização quando faz alguns esclarecimentos sobre o herói de Grande Sertão: Veredas:

O seu Riobaldo, esse Fausto sertanejo, entre inculto mas dotado de imaginação e poesia, ao passar revista aos acontecimentos de sua vida aventurosa, enfrenta seguidamente todas as contingências do ser - o amor, a alegria, a ambição, a insatisfação, a solidão, a dor, o medo, a morte - e relata-as com a surpresa, a reação fresca de quem as experimentasse pela primeira vez no mundo, reinventando as explicações dos filósofos numa formulação pitoresca e ingênua. (RÓNAI, 2001, p. 19)

E também, o mesmo autor (2016), explica como isso ocorre em “A hora e vez de Augusto Matraga”:

Aplicação ainda mais perfeita deste processo observa-se em “A hora e vez de Augusto Matraga”, a novela talvez mais densa de humanidade de todo o volume. A vida retraída do valentão arrependido que, depois de ter sido deixado como morto pelos capangas do adversário, levou anos a restaurar a saúde do corpo e a amansar o espírito sedento de vingança inspira ao leitor uma inquietação crescente. Treme-se por esta alma perdida e reencontrada, que por fim só escapará à tentativa da desforra por outro ato louco de valentia que o redime, mas ao mesmo tempo o aniquila. (RÓNAI, 2016, p. 17)

A seguir, vamos entender como se relacionam as características de um herói mítico a um herói sertanejo, que dão origem ao herói roseano.

2.2. O herói roseano

O herói universal apresenta características como coragem, altruísmo e a capacidade de transitar entre dois mundos. Mas não podemos

esquecer que esse universal ganha representações diferentes do que é ser corajoso ou altruísta dependendo do contexto no qual está inserido. O herói roseano, além de representar o homem em crise do modernismo, e ser expresso por meio de uma retórica moderna, autorreferente, que faz uma revisão crítica de si mesmo (Cf. SILVA, 1984), é um herói sertanejo, o jagunço.

Sertanejo porque é um ser do sertão, um lugar distante, com leis diferentes. Um jagunço porque faz valer a valentia inerente ao herói universal de maneira regional, sertaneja, uma valentia violenta. Pois, “os heróis míticos (...) buscam estabelecer o Bem no sertão por via de uma ética interna em que a violência jagunça adquire caráter ordenador, enquanto um homem fora, que quer o progresso e exclama “vivas” à lei, pretende acabar com o jaguncismo” (PACHECO, 2008, p. 183).

Porém, até chegar a isso, o personagem herói precisa passar por etapas:

O herói, começo da narrativa, normalmente possui apenas o querer, faltando-lhe o saber e o poder. Esse “poder” lhe é fornecido pelo actante ajudante, que pode ser o doador ou outro ator que tem a incumbência de auxiliar o herói. Como também, de outro lado, o herói pode encontrar obstáculos no seu caminho: é a função do actante oponente, exercida pelo vilão ou um ajudante deste. A significação do eixo ajudante->sujeito<-opponente prende-se, do ponto de vista cósmico, aos elementos protetores ou eufóricos da natureza, as forças do bem (simbolizadas pelo papel do ajudante), em contraste com os elementos do mal (encarnados pelo oponente) e, do ponto de vista psíquico, a vontade de possuir o objeto do desejo em contraste com o medo do fracasso perante os virtuais obstáculos. Nesse caso, evidentemente, trata-se de uma narrativa de fundo psicológico. (D’ONOFRIO, 2007, p. 76)

Agora que passamos pela ideia de herói mítico para chegar à ideia de herói sertanejo, podemos iniciar a última etapa do nosso trabalho. Iremos demonstrar um exemplo de herói roseano através da jornada de Augusto Matraga que, na verdade, começa como nada.

3. As horas de Augusto Matraga

3.1. Augusto Estêves, ou Nhô Augusto

“Matraga não é Matraga, não é nada.” (ROSA, 2016, p. 324)

Augusto Matraga, para merecer esse nome, tem que passar por uma longa e transformadora jornada. Augusto Estêves, ou Nhô Augusto, tem um início de estória que já expõe seu caráter: “duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato” (ROSA, 2016, p. 329). Ele arre mata uma moça num leilão – Sariema – só para causar desgosto no rapaz que a queria, tanto que faz pouco dela e a abandona logo em seguida: “você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca! E está que é só osso, peixe cozido sem tempero... Capim pr’a mim, com uma sombração dessas!... Vá-se embora, frango-d’água! Some daqui!” (ROSA, 2016, p. 328).

Depois de abandonar a moça, ele encontra um de seus aliados, Quim Recadeiro, que traz um recado de sua esposa, Dona Dionóra, para que ele volte para casa e termine os arranjos para a viagem. Ao que Augusto responde: “Desvira, Quim e dá o recado pelo avesso: eu lá não vou!” (ROSA, 2016, p. 328).

A novela possui uma narrativa em ordem cronológica, em terceira pessoa e narrador onisciente, que expõe os pensamentos dos personagens. Um exemplo disso é o momento em que Dona Dionóra recebe o recado de Augusto dado por Quim: “não deu ar de seus pensamentos (...) mas muitos que eles eram” (ROSA, 2016, p. 328). Nesse momento, também, é que aparece o relato da infância de Nhô Augusto – “uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai panacrácio” (ROSA, 2016, p. 329) – e a existência de Ovídio Moura, pois Dionóra fica pensando na proposta que ele a fez de fugir com ele.

Ovídio é o oposto de Augusto: “Gostava dela, muito... Mais do que ele mesmo dizia, mais do que ele mesmo sabia, da maneira de que a gente deve gostar. E tinha uma força grande, de amor calado, e uma paciência quente, cantada” (ROSA, 2016, p. 330). Não é à toa esse nome, Ovídio foi um poeta romano, autor de *A arte de amar*, tema que condiz muito com a personalidade do personagem.

Por fim, Dionóra e a filha – Mimita – viajam sozinhas. Elas pernoitam no sítio de um tio, “tio nervoso” (ROSA, 2016, p. 330), com o qual Dionóra conversa sobre o descaso de Augusto. O tio nos apresenta mais relatos da infância dele:

Mãe do Nhô Augusto morreu, com ele ainda pequeno... Teu sogro era um leso, não era pr’a chefe de família... Pai era como que Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira... Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino pr’a padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha... (ROSA, 2016, p. 330)

De manhã, elas retomam a viagem e Mimita se queixa sobre a falta do pai: “Por que é que o pai não gosta de nós, mãe?” (ROSA, 2016, p. 331). Nesse mesmo momento, Ovídio aparece para levar as duas com ele, e deixa o seguinte recado, para Augusto, com Quim: “Volta você, e fala com seu patrão que Siá Dona Dionóra não quer viver mais com ele, e que ela de agora por diante vai viver comigo, com o querer dos meus parentes todos e com a bênção de Deus!” (ROSA, 2016, p. 331). Quim, fiel à Nhô Augusto, amaldiçoa Ovídio - “Homem sujo!... Tomara que uma coruja ache graça na tua porta!...” (ROSA, 2016, p. 331) – e se prepara para avisar a Augusto que “a casa estava caindo” (ROSA, 2016, p. 331).

Nota-se que Ovídio também é corajoso, afinal, ele, por amor, enfrentou o perigo de roubar a esposa e a filha de Nhô Augusto. Entretanto, essa coragem não é o tipo de coragem valorizada pelo sertanejo, que está mais para uma valentia agressiva contra os inimigos, nada por amor. Quim Recadeiro reconhece e admira a valentia de Nhô Augusto e vê a atitude de Ovídio como uma desonra entre homens, tanto que o amaldiçoa.

A partir daqui a situação de Nhô Augusto começa a mudar. Seguiremos, agora, guiados pela jornada heroica de Augusto com o auxílio dos comentários de Joseph Campbell e Lutz Müller. É a hora da partida, e ela virá não apenas com um chamado, mas dois.

3.2. A hora da partida

“Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Estêves!...” (ROSA, 2016, p. 334)

A aventura do nosso herói começa quando ele recebe duas notícias ruins, uma atrás da outra. Quim Recadeiro é o mensageiro dessas notícias, e encontra Augusto totalmente despreparado para receber a primeira: “estava deitado na cama - pior lugar que há para se receber uma surpresa má” (ROSA, 2016, p. 332). Por isso, ele já chega avisando: “Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, p’ra lhe contar.” (ROSA, 2016, p. 332).

Augusto o responde pulando da cama e se vestindo num instante. “Fala tudo!” (ROSA, 2016, p. 332). E Quim contou, justificando que não fez justiça ele mesmo porque era “negócio de honra, com sangue só p’ro dono” (ROSA, 2016, p. 332). Nhô Augusto aprovou a atitude dele – mais uma vez o caráter sertanejo aparece – e mandou que chamasse seus ho-

mens. Quim retorna com a segunda má notícia: seus homens o abandonaram e agora faziam parte do grupo do Major Consilva.

Nesse momento, Nhô Augusto toma uma decisão que vai mudar a sua vida. De acordo com Campbell (2007), é possível que o herói não atenda ao chamado, mas esse não foi o caso do valente Augusto: “quase qualquer um capiaiu outro, sem ser Augusto Estêves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar” (ROSA, 2016, p. 333). “Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir” (ROSA, 2016, p. 333) e partiu para a sua batalha sozinho, o que demonstra muita coragem, pois ele decide ir primeiro à casa do seu inimigo, Major Consilva. Entende-se que, de acordo com as leis do sertão, a ofensa de Consilva era maior, por isso, deveria ser a primeira a ajustar.

Essa decisão terá um fim trágico, entretanto, o herói será recompensado mais adiante, afinal o caminho se abre para o herói que ousa seguir na jornada (Cf. CAMPBELL, 2007). Mal Augusto chegou à casa do Major e esse último anunciou: “tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Estêves!...”. Os seus capangas partiram para cima de Nhô Augusto - com mais gosto ainda o “capiauzinho monggo que amava a mulher-à-toa Sariema” (ROSA, 2016, p. 334). Eles bateram muito e Augusto sofreu, tanto que já o estavam dando por morto: “Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, minha gente?! (...) Não tem não! Tem mais não!” (ROSA, 2016, p. 335). De certa forma, eles estavam certos.

Não satisfeitos com as agressões, os capangas decidiram humilhar Augusto e deixar nele uma marca de ferro: “abrasaram o ferro com a marca do gado do Major – que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência –, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto” (ROSA, 2016, p. 335). A dor que sente faz com que ele grite e dê um salto. Esse salto o ajuda a chegar à beira do barranco e rolar para baixo. Certos de que Augusto Estêves estava morto, os capangas decidem que não há necessidade de conferir: “arma uma cruz aqui mesmo, Osório, para de noite ele não vir puxar teus pés...” (ROSA, 2016, p. 336).

Aparentemente, está tudo acabado para Augusto, mas como recompensa pela sua coragem ele recebe um auxílio sobrenatural. Essa etapa representa a proteção da mãe cósmica para o herói, simbolizada pelo poder “benigno e protetor do destino” (CAMPBELL, 2007, p. 76). Esse poder aparece por meio da ajuda de um casal:

O preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para o casebre dos dois. (ROSA, 2016, p. 336)

Esse casal, inicialmente, cuida para que ele tenha uma morte digna, mas Nhô Augusto dá um sinal de vida: “me matem de uma vez, por caridade, pelas chagas de Nosso Senhor...” (ROSA, 2016, p. 336). Ele fica num estado de delírio, falando coisas sem sentido, “pra gente ausente” (ROSA, 2016, p. 336) e Quitéria – aqui ainda chamada de “a preta” - fica espantada com a revolta e o desamparo em que Augusto se encontra:

– Deus que me perdoe, [...] mas este homem deve de ser ruim feito cas-cavel barreada em buraco, porque está variando que faz e acontece, e é só braveza de matar e sangrar... E ele chama por Deus, na hora da dor forte, e Deus não atende, nem para um fôlego, assim num desamparo como eu nunca vi! (ROSA, 2016, p. 336)

O casal cuida de Augusto, cuida como filho, Quitéria até canta cantigas para ele. Enquanto isso, Augusto pensa e se arrepende

Nhô Augusto se lembrou da mulher e da filha. Sem raiva, sem sofrimento, mesmo, só com uma falta de ar enorme, sufocando. Respirava aos arran-cos, e teve até medo, porque não podia ter tento nessa desordem toda, e era como se o corpo não fosse mais seu. Até que pôde chorar, e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono. E, sem saber e sem poder, chamou alto soluçando:

– Mãe... Mãe... (ROSA, 2016, p. 337-8)

E é com esse arrependimento que Augusto comenta que gostaria de ser absolvido de seus pecados. Então, o casal busca um padre, para que ele possa se confessar. Por meio das recomendações desse padre, Augusto chega ao primeiro limiar. O primeiro limiar é “uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido” (CAMPBELL, 2007, p. 85), o padre recomenda que ele faça tudo que deixou de fazer antes, que viva a sua outra vida ao contrário:

– Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Mode-re esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: “Je-sus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vos-so...” (ROSA, 2016, p. 339)

Esse primeiro limiar é o que antecede o limiar mágico, caminho para a iniciação, o ventre da baleia (Cf. CAMPBELL, 2007). O ventre é o limiar transmutador, assim, o antigo precisa morrer para o novo nascer:

a “passagem do limiar constitui uma forma de autoaniquilação” (CAMPBELL, 2007, p. 92). Augusto continua em sua jornada com determinação:

Nunca mais seria gente! O corpo estava estragado, por dentro, e mais ainda a ideia. E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando. (ROSA, 2016, p. 340)

Agora, nosso herói está pronto para a iniciação.

3.3. A hora da iniciação

“– Eu vou pr’a o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... Pr’a o céu eu vou, nem que seja a porrete!...”
(ROSA, 2016, p. 340)

Augusto e o casal – Quitéria e Serapião – partem para morar em outro lugar: “junto com o casal de pretos samaritanos, que, ao hábito de se desvelarem, agora não o podiam deixar nem por nada, pegou chão, sem paixão” (ROSA, 2016, p. 340). Eles foram morar no povoado do Tombador, onde Augusto coloca em prática as orientações do padre.

Agora, o herói vive uma vida totalmente diferente, e retribui o cuidado que seus pais cósmicos tiveram com ele:

Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa.

O casal de pretos, que moravam junto com ele, era quem mandava e demandava na casa, não trabalhando um nada e vivendo no estádio. Mas, ele, tinham-no visto mourejar até dentro da noite de Deus, quando havia luar claro. (ROSA, 2016, p. 341)

Mas faz parte da iniciação o caminho de provas. Ele apareceu e Augusto foi devidamente auxiliado pelos seus novos pais - “o negro e a negra eram agora pai e mãe de Nhô Augusto” (ROSA, 2016, p. 342). No caminho de provas, “o herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região” (CAMPBELL, 2007, p. 102).

Augusto trabalhava arduamente, na esperança de obter a sua hora e a sua vez, esse era o seu foco. Ele estava num lugar distante e seguro,

propício para a sua evolução como ser humano, mas “como tudo é mesmo pequeno, e o sertão ainda é menor, houve que passou por lá um conhecido velho de Nhô Augusto – o Tião da Thereza” (ROSA, 2016, p. 342). E esse conhecido trouxe notícias que deixaram Augusto muito abalado. Tião da Thereza contou que:

A mulher, Dona Dionóra, continuava amigada com seu Ovídio, muito debem os dois, com tenção até em casamento de igreja, por pensarem que ela estava desimpedida de marido; com a filha, sim, é que fora uma tristeza: crescerá sã e se encorpora uma mocinha muito linda, mas tinha caído na vida, seduzida por um cometa, que a levou do arraial, para onde não se sabia... O Major Consilva prosseguia mandando no Murici, e arrematara as duas fazendas de Nhô Augusto... (ROSA, 2016, p. 343)

Essas notícias já tinham deixado Nhô Augusto cheio de desgosto, e a última, sobre Quim, fechou a lista de sua desolação:

Mas o mais mal-arrumado tinha sido com o Quim, seu antigo camarada, o pobre do Quim Recadeiro – “Se lembra?” – Pois o Quim tinha morrido de morte-matada, com mais de vinte balas no corpo, por causa dele, Nhô Augusto: quando soube que seu patrão tinha sido assassinado, de mando do Major, não tivera dúvida: ...jurou desforra, beijando a garrucha, e não esperou café coado! Foi cuspir no canguçu detrás da moita, e ficou morto, mas já dentro da sala-de-jantar do Major, e depois de matar dois capangas e ferir mais um... (ROSA, 2016, p. 343)

Augusto pede para Tião parar de falar e não contar a ninguém que ele está vivo, pois é como se ele tivesse morrido, aquele Augusto Estêves morreu: “não tem nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, Tião...” (ROSA, 2016, 343). Tião responde, com ar de desprezo, que realmente não tem: “estou vendo...” (ROSA, 2016, p. 343).

Mesmo após se distrair com o trabalho, Augusto pensava em tudo o que Tião contou. Isso o fez pensar que talvez fosse melhor voltar a ser o que era antes, ideia que logo se desfez, quando lembrou das palavras do padre. Mas continuava triste e envergonhado. Seus novos pais o apoiaram, eles representavam a ajuda nas provas.

Ele contou que se sentia “desonrado, desmerecido, (...) tão sem homência” (ROSA, 2016, p. 345), que sentia desgosto pela mulher, que estava sendo feliz com outro, e a filha, que havia se perdido na vida. Grande tristeza também sentia por não ter honrado a fidelidade de Quim, o único que o defendeu até o fim: “como é que eu vou me encontrar com o Quim lá com Deus, com que cara?!...” (ROSA, 2016, p. 345). Augusto já não sabia mais se realmente seria possível entrar no céu e mãe Quitéria o consolava: “vira o demônio de costas, meu filho... Faz o que o seu padre mandou!” (ROSA, 2016, p. 345).

Com a ajuda de seus protetores, Augusto começa a se sentir melhor, fica confiante novamente. Mas começa a cometer pequenos deslizes, como fumar e beber um pouco. Parecia um anúncio do novo desafio que estava por vir. O caminho da iniciação, de acordo com Campbell (2007), pode apresentar como prova o encontro com o lado negativo do pai - energia masculina - ou da mãe - energia feminina - que representam os opostos das coisas, a duplicidade. Müller (1992) explica essa duplicidade através do irmão-sombra: “esse caráter duplo se mostra no aparecimento de um irmão (gêmeo) ou de um inimigo igualmente forte” (MÜLLER, 1992, p. 32).

Augusto, como já possuía um histórico de infância infeliz, foi de certa forma recompensado e nasceu de novo nos braços de pais cuidadosos - Quitéria e Serapião - então, o lado oposto apareceu como a sua sombra, um homem bem parecido com o seu passado - Estêves. Chegou um bando no povoado que assustou a todos, por motivos compreensíveis, se acompanharmos a descrição do chefe do bando:

O mais forte e o mais alto de todos, com um lenço azul enrolado no chapéu de couro, com dentes brancos limados em acume, de olhar dominador e tosse rosnada, mas sorriso bonito e mansinho de moça. [...] O arrancatoco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: Seu Joãozinho Bem-Bem. (ROSA, 2016, p. 348).

Ele causou medo em todos, menos em Nhô Augusto:

O povo não se mexia, apavorado, com medo de fechar as portas, com medo de ficar na rua, com medo de falar e ficar calado, com medo de existir. Mas Nhô Augusto, [...] quando soube do que havia, jogou a carga no chão e correu ao encontro dos recém-chegados. (ROSA, 2016, p. 348)

Joãozinho Bem-Bem era a sombra de Augusto e o destino deles possuía duas opções: “o adversário quase sempre é vencido pelo herói depois de uma luta longa e difícil, ou a luta termina empatada” (MÜLLER, 1992, p. 32). Mas esse desfecho só ocorre muito depois, a princípio eles ficam muito amigados.

Augusto convida Bem-Bem e todo o seu bando para passarem a noite em sua casa e oferece a todos eles muita comida, bebida e o que mais desejarem. Nesse momento, que é praticamente uma confraternização, Joãozinho e seus capangas contam sobre as coisas que fazem e o chefe faz questão de dizer que tudo é feito de acordo com a lei - a lei do sertão: “gente minha só mata as mortes que eu mando, e morte que eu mando é só morte legal!” (ROSA, 2016, p. 350).

As conversas seguem e Augusto fica numa oscilação – se empolga e se reprime. Bem-Bem o incentiva a atirar num passarinho, mas ele não quer machucar “a criaçõzinha de Deus” (ROSA, 2016, p. 353) e atira num galho. Ele logo percebe que está se deixando levar pela presença de alguém tão parecido com o seu passado e fica desanimado, mas continua tratando bem os seus hóspedes. Pela manhã, quando Joãozinho Bem-Bem e seu bando estão de saída, Augusto recebe uma proposta, na verdade duas, muito tentadoras. A primeira é a chance de se vingar de seus inimigos, sem nem fazer esforço: “A pois, se precisar de alguma coisa, se tem um recado ruim para mandar para alguém... Tiver algum inimigo alegre, por aí, é só dizer o nome e onde mora” (ROSA, 2016, p. 353). A tentação é grande, mas não fala nada.

A segunda proposta é a de fazer parte do bando de Bem-Bem:

Está-se vendo que não viveu sempre aqui nesta grotta, capinando roça e cortando lenha... Não quero especular coisa de sua vida p'ra trás, nem se está se escondendo de algum crime. Mas, comigo é que o senhor havia de dar sorte! Quer se amadrinhar com meu povo? Quer vir junto? (ROSA, 2016, p. 355)

Novamente, a tentação é grande, ainda mais pela honra que é receber um convite desses. “O convite de seu Joãozinho Bem-Bem, isso, tinha de dizer, é que era cachaça em copo grande! Ah, que vontade de aceitar e ir também...” (ROSA, 2016, p. 354). Mas Augusto quer ir para o céu e continua no seu propósito.

Campbell (2007) explica que uma das etapas da iniciação pode consistir no aparecimento da mulher como tentação. Essa questão aparece para Nhô Augusto em dois momentos: um quando ele sente falta e outro quando vê uma moça bonita passar. Mas ele não é influenciado por essas tentações.

Após vencer todas as provas e tentações e se aproximar do fim da sua iniciação, Augusto tem momentos de profunda tranquilidade. De tanto lutar para ser uma boa pessoa e fazer isso, ironicamente, de formar agressiva consigo mesmo, ele tirou a fúria com os outros e a colocou para trabalhar contra o seu demônio interior. É o momento da apoteose (Cf. CAMPBELL, 2007), a unidade da dualidade bem e mal de Augusto: “Bastava-lhe rezar e aguentar firme, com o diabo ali perto, subjugado e apanhado de rijo, que era um prazer” (ROSA, 2016, p. 356).

Chega a merecida bênção última de Augusto. Após completar suas tarefas com sucesso, ele se sentiu preparado – e até convocado – para a partida. A bênção última é como um prêmio de paz, pelo sucesso em

sua jornada (Cf. CAMPBELL, 2007). Esse novo Augusto “resultante da morte simbólica do eu não é eterno, nem imortal, mas um homem transformado pela morte” (MÜLLER, 1992, p. 43). Ele tornou-se “um homem que desistiu de fugir de si mesmo e da morte, despertando por isso para uma nova vida, com uma nova vitalidade” (MÜLLER, 1992, p. 43).

Na despedida de Augusto, Rodolpho Merêncio oferece um jegue, que na hora ele não aceita, mas depois que mãe Quitéria lembra o significado sagrado desse animal na vida de Jesus, ele decide aceitar. E, assim, parte nosso herói para a última parte da jornada: “Adeus, minha gente, que aqui é que eu não mais fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!” (ROSA, 2016, p. 358).

3.4. A hora do retorno, ou a hora e vez

“Ó gostosura de fim-de-mundo!...” (ROSA, 2016, p. 366)

Apesar de ter se apresentado como uma pessoa ruim e difícil, Augusto é um herói que passa facilmente pelas etapas heroicas propostas por Campbell (2007), principalmente no final da jornada. Ele não recusa o retorno, pelo contrário, o faz por livre e espontânea vontade. Desta forma, ele não precisa da fuga mágica nem do resgate com auxílio externo (Cf. CAMPBELL, 2007). Ele segue feliz o caminho da volta: “achava muitas coisas bonitas, e tudo era mesmo bonito, como são todas as coisas, nos caminhos do sertão” (ROSA, 2016, p. 358).

Augusto vai direto para o limiar do retorno (Cf. CAMPBELL, 2007) na companhia de seu jegue, o guia que decide o rumo da viagem: “Não me importo! Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!...” (ROSA, 2016, p. 361). Ao abandonar a sua reclusão, o herói torna-se um dançarino cósmico, um senhor dos dois mundos. “O dançarino cósmico, declara Nietzsche, não se mantém pesadamente no mesmo lugar; mas, com alegria e leveza, gira e muda de posição.” (CAMPBELL, 2007, p. 225). E foi assim, leve, que Augusto continuou seu caminho: “Oh coisa boa a gente andar solto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!...” (ROSA, 2016, p. 360).

Ele aproveita toda a beleza natural do caminho e, numa tarde, conversa com um senhor cego, que tem um bode como guia, aplaude a declamação que o senhor faz, conversa um pouco e continua seu caminho com o jegue.

Finalmente, Augusto chega ao lugar que dará a sua hora e vez: ar-raial do Rala-Coco. Logo ele percebe uma agitação no lugar e o informam que é “a jagunçada de seu Joãozinho Bem-Bem” (ROSA, 2016, p. 361). Animado, ele vai atrás do bando e é muito bem recebido, principalmente pelo chefe, que oferece a ele o mesmo tratamento que recebeu quando esteve no povoado do Tombador.

Esse clima ameno logo irá se converter numa zona de guerra. Joãozinho Bem-Bem, como sombra de Augusto, só pode ter um destino: morrer. Mas nos resta saber se Augusto vai junto ou não. Bem-Bem informa a Augusto que eles estão numa missão de vingança, pois mataram um de seus Jagunços, o Juruminho, e também aproveita para fazer, novamente, o convite para que Augusto faça parte do seu bando. Mais uma vez, surge a tentação, mas o herói não colocará agora, no final do caminho, todo seu esforço de lado. Ele agradece muito, mas recusa e pede para não tocarem mais no assunto.

Logo em seguida, aparece um senhor desesperado, pedindo a piedade de Bem-Bem: “– Ai, meu senhor que manda em todos... Ai, seu Joãozinho Bem-Bem, tem pena!... Tem pena do meu povinho miúdo... Não corta o coração de um pobre pai...” (ROSA, 2016, p. 364). Ele é o pai do homem que matou o Juruminho e, como o filho fugiu, Bem-Bem achava justo compensar a perda com o sacrifício da família. O pai até ofereceu a sua morte para compensar, mas Joãozinho não quis aceitar. Ele estava seguindo a regra: “– Lhe atender não posso, e com o senhor não quero nada, velho. É a regra... Senão, até quem é mais que havia de querer obedecer a um homem que não vinga gente sua, morta de traição?... É a regra.” (ROSA, 2016, p. 364).

Essa regra era a mesma regra que Augusto seguia antes, a regra do sertão, do jagunço, mas agora ele estava seguindo uma regra diferente, uma regra mais universal. Augusto estava na última etapa de sua jornada, liberdade para viver: “o alvo do mito consiste em dissipar a necessidade dessa ignorância diante da vida por intermédio de uma reconciliação entre consciência individual e vontade universal” (CAMPBELL, 2007, p. 232). Augusto ia resolver essa situação como um jagunço, mas um jagunço universal; pela família daquele senhor e pelas suas memórias, mas, principalmente, por ele mesmo, pois a sua hora e vez chegou e ele quer ir para o céu.

Augusto pediu para Joãozinho Bem-Bem não executar a vingança, o que pareceu uma grande ofensa. E não tinha jeito, ele teria que resolver isso da melhor forma que sabia: pela violência. Bem-Bem, que simpati-

zava muito com Augusto, não queria começar uma guerra com ele, mas um de seus capangas se adiantou e foi inevitável. Augusto anunciou que sua vez havia, finalmente, chegado: “Nomopadrosfilhospritosantamêin! Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou a minha vez!...” (ROSA, 2016, p. 366).

A partir daí são apenas descrições de tiros e sangue. De fato, Joãozinho Bem-Bem morreu pelas mãos de Augusto, mas deixou o recado:

– Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!... Eu sempre lhe disse quem era bom mesmo, mano velho... É só assim que gente como eu tem licença de morrer... Quero acabar sendo amigos... (ROSA, 2016, p. 367)

Eles acabam amigos. Augusto, que agora é Augusto Matraga, faz seus últimos pedidos e deixa seus últimos recados antes de partir:

– P’ra dentro de casa, não, minha gente. Quero me acabar no solto, olhando o céu, e no claro... Quero é que um de vocês chame um padre... Pede para ele vir me abençoando pelo caminho, que senão é capaz de não me achar mais...
E riu. (ROSA, 2016, p. 368)

Augusto Matraga ainda conta com a presença de um conhecido de sua antiga vida, João Lomba, que pode passar o recado para a sua família:

Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento.

Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrado, sumido:
– Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!
Depois, morreu. (ROSA, 2016, p. 369)

4. Considerações finais

Existem estórias que nos encantam, que nos divertem, que nos emocionam e que nos fazem refletir. E existem estórias que nos tiram do eixo, que nos fazem, quase imperceptivelmente, entrar em outro mundo. A estória de Augusto Matraga pode se encaixar nessa última descrição, afinal, ao ler a sua jornada acabamos, mesmo sem querer, desejando que ele consiga realizar a sua vontade de ir para o céu. Por esse motivo, é importante encarar o Augusto Matraga como um herói mitológico. Mesmo com as suas particularidades de jagunço, ele nos faz, ao longo da sua jor-

nada, encarar dramas profundamente humanos: o arrependimento e o desejo de salvação.

Matraga é um dos heróis que carrega as heranças da linguagem simbólica que estrutura os mitos ao longo de incontáveis séculos, preservada no inconsciente coletivo. Guimarães Rosa, o alquimista do regionalismo, conseguiu criar um herói sertanejo universal chamado Augusto Matraga. Uma evidência disso é o fato de a sua jornada seguir a mesma lógica da jornada dos heróis de mil faces – e mil eras – proposta por Joseph Campbell. Matraga é uma dessas mil faces de herói que, nas suas singularidades, formam um só: o herói com o qual todo ser humano se identifica por razões que tem raízes muito remotas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

_____. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Editora 34, 2002.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.

HANSEN, João Rodolfo. Forma literária e crítica da lógica racionalista em Guimarães Rosa. *Letras Hoje*, v. 47, n. 2, p. 120-30, Porto Alegre, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/11308>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MÜLLER, Lutz. *O herói: todos nascemos para ser heróis*. São Paulo: Cultrix, 1992.

PACHECO, Ana Paula. Jagunços e homens livres pobres: o lugar do mito no Grande sertão. *Novos estud. – CEBRAP*, n. 81, p. 179-88, São Paulo, jul. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 de mar. 2020.

RÓNAI, Paulo. A arte de contar em Sagarana. In: ROSA, J.G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. Três motivos em Grande Sertão: Veredas. In: ROSA, J.G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. Carta de João Guimarães Rosa a João Condé, revelando segredos de Sagarana. In: _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. *Semiotização literária do discurso*. Rio de Janeiro: Elo, 1984.